

Uma disputa de ex-presidentes

Itamar Franco não é o único ex-presidente presente, de maneira indireta, na campanha de Juiz de Fora. O ex-presidente Fernando Collor de Mello, de quem Itamar foi vice, também entra pela porta dos fundos, através de um "collorido" assumido, o candidato do PFL, Carlos Alberto Bejani. O candidato varia entre 14% e 25% nas pesquisas e ainda ameaça tirar o tucano Arcuri do segundo turno. Bejani é um caso raro na política brasileira: ele estava no PRN antes de Fernando Collor entrar para o partido que sustentou a sua candidatura, e foi um dos responsáveis pelo ingresso do então governador de Alagoas na

legenda, que na época se chamava Partido da Juventude (PJ).

"Não vou negar. Tenho afinidade pessoal com Collor. Ele me ajudou muito quando fui prefeito (1989-1992) e ele era presidente. Estava em Brasília, ao seu lado, no dia da votação do impeachment. Acho que ele não era corrupto, apenas mal assessorado", diz Bejani, em seu escritório, debaixo de um pôster em que está abraçado com Collor, e ao lado do retrato oficial do ex-presidente.

Bejani e Collor tiveram trajetória semelhante, até certo ponto. Ambos apareceram para o eleitorado como novidades políticas. Em um es-

tado onde a tradição familiar é fundamental, o único trunfo de Bejani é ser "sobrinho do famoso palhaço Carequinha". A administração dos dois foi tumultuada e alvo de denúncias de irregularidade.

Se Collor foi cassado pelo Congresso, Bejani teve duas contas da prefeitura rejeitadas pela Câmara de Vereadores, e só concorre porque conseguiu derrubar a irregularidade no Tribunal de Justiça de Minas. "Isso foi uma perseguição das elites, porque vim do povo, trabalhei duro e venci na vida, com a ajuda de Deus", afirmou, em sua mansão num dos bairros mais refinados de Juiz de Fora. (C.F.)